

ESP-28(1)/1967

LINGUÍSTICA

Luiz Carlos Lessa, O MODERNISMO BRASILEIRO E A LÍNGUA PORTUGUESA, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1966, XIV + 460 pág

Diversos estudiosos têm-se ocupado do problema da língua literária no Brasil, particularmente quanto à contribuição dos românticos e dos modernistas. Relembrem-se Barbosa Lima Sobrinho ("A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil"), Sílvio Elia (Capítulos dos "Ensaio de Filologia"), Gladstone C. de Melo ("Alencar e a Língua Brasileira"), Herbert Parentes Fortes ("Filosofia da Linguagem" e "A Questão da Língua Brasileira"), Josué Montelo ("A Língua Literária no Brasil", artigo publicado na revista "Brasília"), entre outros.

A obra que temos presente retoma em parte esse problema, objetivando principalmente avaliar a contribuição da linguagem modernista à projetada gramática brasileira da Língua Portuguesa, para a qual deseja fornecer subsídios.

O A. é professor no Estado do Rio e foi aluno de Serafim da Silva Neto, Ismael de Lima Coutinho (que prefacia o livro) e Sílvio Elia; procedeu ao levantamento de riquíssimo material mediante o estudo acurado de dez autores modernistas: Carlos Drummond de Andrade, Ciro dos Anjos, Diná S. Queirós, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, José Luis do Rêgo, Manoel Bandeira, Mário de Andrade, Raquel de Queirós e Tasso da Silveira.

O estudo reconhece três tendências na literatura modernista, do ponto de vista lingüístico: aproximação entre a língua escrita e a falada, existência de diferenças sintáticas irreprimíveis entre o português do Brasil e o de Portugal, e combate ao purismo. Está dividida em duas partes: "A Literatura Modernista, a Linguagem Popular e o Problema da Língua Brasileira" e "Alguns Pontos da Sintaxe Portuguesa revistos à Luz da Literatura Modernista Brasileira".

Abordam-se na primeira parte as seguintes questões:

- 1) As tendências lingüísticas do Modernismo: resume o que se tem dito a respeito, reportando-se à tripartição do movimento modernista para esclarecer que os autores pesquisados procedem das gerações de 22, 30 e 45.
- 2) O Modernismo e o vocabulário português: pequeno léxico de termos populares correntes entre os modernistas. Nota-se que consigna alguns termos correntes também em Portugal: "calhorda", "cavaqueira", "filho das ervas", além de alguns vocá-

bulos chulos freqüentes na velha chalaça portuguesa. Ao abonar "esbregue" transcreve oração em que aparece o termo "turuna" que, entretanto, não figura ~~em léxico~~ em seu glossário. 3) O Modernismo e a sintaxe popular brasileira: considerando brasileira a sintaxe corrente agora no Brasil, muito embora possa ter existido em Portugal, abona vastamente a colocação "irregular" dos pronomes, os verbos de movimento regento a preposição "em", o uso do verbo "ter" na acepção de "existir" e o do pronome pessoal do caso reto em função objetiva. 4) O Modernismo e os puristas: relacionamento dos galicismos e anglicismos, cacófatos e solecismos diversos sobre que malharam os gramáticos no passado e que têm agora acolhida por parte dos modernistas: uso do sujeito preposicionado em orações infinitivas, emprêgo de "o que" nas interrogações, ocorrência de complementos comuns a verbos de regência diferente, etc. 5) Necessidade de elaboração de uma gramática brasileira e moderna.

Na segunda parte se aprofundam algumas das questões versadas na primeira, em especial as de sintaxe, reexaminando-as à luz do uso modernista. Trata da regência verbal, da concordância verbal e do emprêgo do infinitivo pessoal e impessoal (parece desconhecer os estudos fundamentais de T. Henrique Maurer Jr., ~~em~~ sobre as origens e emprêgo dessa forma nominal, publicados no livro "Dois Problemas da Língua Portuguesa" e na "Revista Brasileira de Filologia", vol. 3, t. 1).

Trata-se, portanto, de trabalho respeitável, mormente se dermos como necessária a busca de uma verdade em matéria de ensino gramatical para brasileiros. Gostaríamos, entretanto, de opor-lhe alguns reparos. É pena que dispondo de um material tão rico não houvesse o A. atinado com certas tendências da língua literária modernista; assim, examinando a regência do verbo "preferir", p. 281, e a concordância verbal quando a voz é passiva pronominal, p. 303, reconhece que os modernistas cingiram-se "aos ensinamentos dos gramáticos", fato que surpreende tendo-se em conta a multidão dos casos contrários. À vista disso, é ingênuo acreditar-se numa inovação modernista sistemática, observando-se antes aquêlo movimento pendular "uso canônico / uso popular" a que se referiu Antonio Houaiss, em trabalho publicado na "Revista do Livro", nº 9 ("Sobre a linguagem de Vila dos Confins"). O A. não parece ter-se sensibilizado com isto.

Luiz O. Lessa combate a gramatiquice com bastante rigor, mas incide no mesmo erro, pelo menos uma vez: condenando os que procuram cacófatos em trabalhos alheios, não deixa de apresentar sua listinha, metendo no itálico tradicional as sílabas pecaminosas (p. 166 e ss.)

Não distinguia filólogo de gramático (p. 88 e passim), nem Lingüística de Estilística, deixando por isto de justificar a posição de Mário de Andrade naqueles casos em que há uma divergência em relação à norma dos demais modernistas, por estar o autor de "Macunaíma" empregando construção eminentemente pessoal (como "devemos espediçarmos", nota 455).

Pequenos ~~osslizes~~ ^{osslizes} devem ser sanados em futuras edições: uso de "pré" onde devia aparecer "ante" ("negativas pré-verbais", p. 101), "ao invés de" empregado como sinônimo de "em vez de", pp. 96 e 147. São falhas que em nada desmerecem o alcance de um trabalho como este, voltado para um campo ainda praticamente virgem.

ATC

Ataliba T. de Castilho
Ataliba T. de Castilho